

ERIN DOOM

COMO UMA
CICATRIZ

TRADUÇÃO

Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

*A ti, que tiveste a imensa coragem
de ser simplesmente tu mesmo.*

Índice

Prólogo	11
1. Milagro's	13
2. À deriva	32
3. Limbo	53
4. Cada vez pior	67
5. Fora de rota	81
6. Nem que me pedisses de joelhos	99
7. Na teia de aranha	117
8. Alma de nódoas negras	131
9. No espaço de um arrepio	142
10. Por todos os males do mundo	164
11. Uma certa ironia	187
12. A chave	206
13. Perto de mais	223
14. Com os seus olhos	239
15. Rumo à primeira noite	253
16. Moonlight Velvet	274
17. Vamos fingir, pode ser?	291
18. Fica por perto	303
19. A rainha dos milagres	319
20. Em pé de igualdade	344
21. De luz negra	375
22. A donzela do bosque	418
23. Rapariguinha (que caminha com os monstros)	446
Agradecimentos. <i>A força com que amamos</i>	477

Prólogo

Dizem que somos nós os protagonistas da nossa história.

Que ao longo do percurso da nossa vida existem luzes que brilham apenas para nós, um fato feito à medida e que ninguém pode tirar-nos, porque é só nosso.

A verdade é que nos mentiram.

Existem histórias e existem protagonistas, mas nem todos têm a sorte de encarná-los. Há quem nasça como figurante. Quem morra para além das luzes da ribalta. Há quem conte cole a história por detrás da cortina e quem assista impotente a um destino que não é o seu.

Há quem albergue dentro de si as luzes mais esplêndidas, mas que nunca subirá àquele palco.

Aí está aquilo que não vos dizem. A única verdade que existe.

Eu não era diferente.

Não era especial.

Ninguém tinha escrito uma história para mim.

Ninguém tinha urdido um conto de fadas com o fio condutor do meu destino.

Havia um lugar reservado, naquela obra que ostentava o nome da minha vida.

Mas não era o meu.

Milagro's

*Vencedores e vencidos têm em comum
uma grande vitória: o facto de terem tentado.*

Caiu a noite.

À minha volta tudo pulsava como um coração adormecido, letreiros e luzinhas coloridas refletiam-se nos edifícios tão altos que causavam vertigens.

Caminhava há horas. Envolta no meu cachecol, vagueava pelas ruas da cidade apenas com uma velha mala de viagem e um casaco que não tinha como competir com o gelo dessa altura do ano.

Sentia os dedos dormentes. O ar tresandava a esgoto e asfalto molhado, o odor pungente do estado do Delaware impregnava-me as narinas. Fazia um frio dos demónios e, como se não bastasse, estava com o péssimo pressentimento de que me havia perdido.

– Maldição... – sussurrei inquieta, numa pequena nuvem de bafo.

A cidade não foi clemente para comigo. Tinha chegado apenas nessa manhã, no entanto bastaram poucas horas para dar por mim engolida por arranha-céus imensos e torres metálicas, que me haviam mastigado e cuspido entre rastos de transeuntes e ruas infestadas de trânsito. Filadélfia era uma estranha besta de artérias congestionadas, de uma natureza penetrante que nos filmes sempre acabava diluída por uma visão romântica do Liberty Bell, mas do famoso *brotherly love* que tanto se enaltecia nas brochuras encontrei muito pouco.

Cerrei os dentes e uma vez mais saquei da folha de jornal toda amarrrotada.

Tentei alisá-la com os dedos entorpecidos. Percorro de novo os anúncios, riscando mentalmente as vagas que já me haviam recusado. Não era possível que já tivessem sido todas preenchidas... Reli-os mais umas quantas vezes, examinei cada linha à procura de alguma coisa, fosse o que fosse que ainda não tivesse experimentado, mas o problema permanecia sempre o mesmo.

Encontrar a sombra de um emprego nunca me pareceu tão difícil. Ou era demasiado jovem, ou demasiado inexperiente, ou sem uma

garantia cabal de uma continuidade de trabalho que estivesse à altura dos seus padrões. Todos queriam referências, até mesmo para as funções menos qualificadas; ninguém parecia disposto a contratar uma desleixada e fraca-sassada como eu, e menos ainda para tarefas que exigiam um mínimo de experiência.

Eu só pedia uma oportunidade.

Uma...

Enfiei a folha de jornal no bolso e recomecei a caminhar, reprimindo a frustração.

Percorri Market Street, deambulando entre as decorações natalícias e as iluminações que enfeitavam a rua. Era o primeiro dia de dezembro, no ar respiravam-se sonhos, impaciência e expectativas, as lojas pareciam saídas de revistas lustrosas e os ânimos tornavam-se cada vez mais exaltados com a aproximação das festas. Apenas eu, cheia de frio e sem rumo, parecia um pequeno ponto negro no meio de um universo de cores garridas.

Continuei a deslocar-me por entre as ruas, fustigada pela humidade rançosa e pelo gelo que me mordiscava os ossos. Em determinados cruzamentos, o odor do rio misturava-se com o outro mais pungente das sarjetas das zonas pobres, criando poças de água estagnada que o gelo aprisionava dentro dos pulmões.

Enregelada, passei ao lado de um par de portas onduladas fechadas que proporcionavam refúgio a um ou outro sem-abrigo, e eles assobiaram-me atrás de mim. Cerrei os dedos em redor da pega da mala quando um deles se levantou a cambalear, o rosto pisado e inchado e os dentes podres, fazendo menção de desabotoar as calças, babando-se ao mesmo tempo que me dirigia um convite obsceno. Baixei a cabeça e estuguei o passo, virando na primeira esquina.

Assim que alcancei o fundo do beco, olhei por cima do ombro de modo a assegurar-me de que não tinha sido seguida. Embora estivesse sozinha, não estava habituada às ciladas de uma metrópole tão desregrada e caótica, com as suas tentações e os seus perigos; ao fim e ao cabo, eu vinha de um pequeno vilarejo no condado de Chester, um arremedo de centro urbano nos arredores de Filadélfia. Malgrado o estado de espírito que estava a demonstrar, aquela era na realidade a primeira vez que me tocava enfrentar uma cidade tão gigantesca.

Suspirei e levei com nervosismo a mão ao cachecol, invadida por uma urgência frustrante.

E agora?

Que diabo é que terei feito?

Mordisquei os lábios carnudos procurando não pensar no frio que se insinuava cada vez mais fundo, fazendo-me sentir ainda mais perdida, sozinha e derrotada. Apetecia-me de todo o coração atirar com a mala ou desferir um soco num candeeiro de rua, porque o desespero comprimia-me a garganta com uma vaga e esmagadora necessidade de gritar e esse não parecia, de facto, ser um bom momento para me passar dos carretos. Contive o instinto o melhor que pude, e procurei raciocinar, sentindo o coração e o cérebro em efervescência que nem engrenagens enlouquecidas.

Precisava de um plano. Necessitava de um projeto, precisava de um... um...

De súbito um motor acelerou com suavidade. Um táxi parado ao fundo do beco arrancou, revelando espirais de fumo que voltavam a subir pelas grelhas do pavimento e do contorno vermelho de uma boca de incêndio iluminada por uma estranha fosforescência. Diante dos meus olhos surgiu um letreiro luminoso que se refletia como prata líquida no asfalto escorregadio da calçada.

Foi instantâneo. Inesperado.

Foi como sentir algo dentro de mim enganchar-se com uma força inesperada àquela única e brilhante palavra: «Milagro's».

... milagre.

Fitei a inscrição durante um bom bocado, enregelada e ofuscada pelo néon azul que cintilava como um farol no negrume envernizado da noite. As letras elegantes encantaram-me, a luminescência cativou-me como um barco à deriva.

Nunca acreditei na sorte. Nem sequer alguma vez tive fé, mas por um absurdo instante aquele clarão pareceu salvar-me, banhar-me de uma luz mística, celestial, que iluminou a escuridão.

Aproximei-me cautelosa, quase à espera de o ver desaparecer por entre as espirais de vapor. Cheguei àquela que deveria ser a entrada: um pequeno túnel descendente, que mergulhava no desconhecido. Parecia a saída de emergência da velha chapelaria que ocupava aquele pequeno pedaço da calçada, com a montra apagada e as letras em estilo *art déco* que deveriam ter visto melhores dias. O letreiro de néon estava afixado na horizontal na fachada, mesmo por cima daquele buraco, como se tivesse sido colocada num segundo momento. Debrucei-me a fim de ver melhor, quiçá discernir algum outro pormenor adicional, mas as luzes dos candeeiros de rua não conseguiam chegar tão baixo.

O que seria?

Um *pub*?

Uma discoteca, talvez?

O ar gelido deixou-me as faces vermelhas ao mesmo tempo que eu observava, hesitante e com toda a atenção, aquele retângulo negro e algo sinistro.

Por outro lado, não se tratava de uma alucinação, naquele letreiro lia-se de facto «No Milagre». Não era uma coincidência, nem sequer era uma fatalidade – *era mais qualquer coisa, algo de que eu andava à procura há imenso tempo.*

Fechei os olhos e reuni toda a minha determinação, retendo-a no peito. Depois, sob a luminescência das letras, muni-me de coragem e apoiei um pé no primeiro degrau. Aventurei-me na escuridão e os ruídos da cidade foram esmorecendo de forma gradual atrás de mim, substituídos por uma música profunda e sensual.

O corredor era estreitíssimo. Um dos cantos da mala roçou na parede, por isso coloquei-a de lado e continuei a avançar; prossegui devagar até que as paredes se alargaram e a luz voltou a infiltrar-se entre as minhas pestanas através de pequenos holofotes no teto.

Agora as paredes eram bem visíveis. Primorosamente pintadas de um intenso azul-petróleo, convidavam os visitantes a prosseguir numa sucessão de cartazes a preto e branco, onde se destacavam recortes de fotografias e títulos de espetáculos em brilhantes letras douradas.

Vislumbrei uma pequena secretária à direita, atrás da qual uma rapariga de cabelo castanho apanhado saboreava com indolência um chupa-chupa. Tinha um dos lados da cabeça rapado e uma fileira de brincos que lhe preenchia a orelha desde o lóbulo até à ponta. Quando me aproximei, ela nem sequer se dignou a levantar o rosto.

– Bem-vinda ao Milagro's. São trinta dólares.

– Eu... – hesitei, titubeante, olhando em redor. A música agora era mais forte e, contudo, igualmente suave, envolvente e sedutora. Ouvia o barulho das vozes, o tinir do vidro dos copos: tinha todo o ar de ser um lugar refinado e exclusivo. Atirei a incerteza para trás das costas e aclarei a garganta, esforçando-me por chamar a atenção e também manter a compostura.

– Estou à procura de um emprego.

A rapariga ergueu os olhos. Rodou a cadeira giratória, dirigindo-me toda a sua atenção, e perscrutou-me da cabeça aos pés, desde o rosto pálido aos longos cabelos negros que se perdiam no meio do cachecol.

– Onde é que já te exibiste?

– Exibir-me?

Ela levantou uma sobrancelha. Bastou-me uma vista de olhos aos cartazes para adivinhar o rumo da sua conversa.

– Oh, não, não sou bailarina.

– Lamento, mas não precisamos de mais empregadas de mesa – declarou, despachando-me a toda a velocidade, convidando as últimas pessoas que chegaram a avançar.

Ei, só um momento!

Lancei uma vista de olhos aos dois homens de fato completo atrás de mim e agucei o olhar, decidida a não arredar pé dali. Apoiei com determinação as pontas dos dedos na superfície espelhada da secretária e voltei a impor a minha presença, chamando a sua atenção.

– Não há ninguém com quem eu possa falar?

– Podes preencher este impresso – replicou indolente, entregando-me uma folha de papel. – Caso estejamos interessados, entraremos em contacto contigo.

Sim, claro, mastiguei, tentando reprimir a irritação devido à enésima recusa. Os dois homens atrás de mim avançaram um passo, mas eu fulmineei-os com o olhar, disposta a jogar todas as cartas de que dispunha.

– Preciso de um emprego – desembuchei sem rodeios.

– Já percebi.

– Só queria ter uma entrevista.

– Ah-ah...

– Se me deixares entrar, posso...

– Já te disse. De momento não estamos a contratar ninguém. Mas se fizeres muita questão, podes deixar um contacto, ligar-te-emos assim que... *Ei!*

Por pouco não caí. Um fulano abriu caminho por entre as pessoas, passou por nós como um furacão e entrou pela porta principal.

– Tu aí! – vociferou a rapariga, inclinando-se sobre a secretária. – Que raio é que estás a fazer? Tens de pagar!

As pessoas atrás de mim começaram a aglomerar-se no corredor apinhado, criando um instante de confusão. Ela rodopiou na direção do telefone a fim de chamar a segurança e eu aproveitei aquele delírio momentâneo para arriscar uma manobra: avancei esbaforida e, quase a tropeçar na mala, esgueirei-me sorrateira até à entrada.

Entrei, transpondo duas grandes portas escuras, e diante de mim escancarou-se um espetáculo surpreendente e assombroso.

Era uma sala semicircular. Um palco com cortinas adamascadas em azul-celeste abria-se à esquerda, dominando o ambiente repleto de gente. Assemelhava-se quase a um teatro, mas em vez de filas de assentos estofados, aqui e ali viam-se dispostas pequenas mesas embutidas e cadeiras de veludo negro. Na outra extremidade da sala, sobre um plano algo elevado, abria-se o espaço do bar, com um reluzente balcão escuro atrás do qual se erguia uma parede abarrotada de garrafas cheias de líquidos de várias cores; diversas mesinhas altas com bancos cintilantes completavam aquela área. Mais acima, ao longo de todo o perímetro da sala, serpenteava um outro plano com pequenos sofás ocupados por vultos elegantes e baldes de gelo com champanhe, um espaço mais íntimo e reservado de onde os clientes podiam ainda assim desfrutar de uma ótima vista.

Ergui o rosto, admirada. Ao centro do teto, fruto de uma requintada pesquisa estética, um antigo lustre de bronze e cristal criava reflexos de luz esmerilada que conferia à atmosfera um ar quase mágico.

Que lugar seria aquele?

Não saberia como defini-lo: o ambiente elegante e reservado, quase *vintage*, a iluminação ténue e o grupo de *jazz* que naquele momento tocava com languidez no palco sugeriam que se tratava de um clube com música ao vivo.

– Desculpa... – Tentei deter uma das empregadas de mesa que deambulava atarefada, quase com artes de malabarismo, por entre as mesas. – Só um momento, ei!

Consegui chamar a atenção. Uma lourinha virou-se, desorientada, fitando-me com uns olhos de quem de facto tinha muita pressa.

– Sim?

– Com quem posso ter uma entrevista?

– Como?

– Com quem posso...

Sobressaltou-se, quando se apercebeu de que um homem elegante de feições asiáticas estava a chamá-la e, antes de eu ter tempo de terminar a frase, saiu disparada em direção à sua mesa. Acenei e parei outra, desta vez uma morena de pele cor de chocolate.

– Estou à procura de um emprego. Com quem é que posso falar?

– Um emprego? – repetiu ela, esforçando-se por se sobrepor ao barulho das vozes, da música e de todo o suave caos que nos rodeava. A despeito do ambiente sofisticado, aquele lugar estava de facto a abarrotar de gente. Ante o meu assentimento, obtive por fim uma resposta. – Deves dirigir-te à Zora.

– Zora?

– Zora Lynch, a dona do clube – elucidou-me. – É ela quem se ocupa destas coisas... Está ali, olha. Perto do bar.

Apontou para um lugar ao lado do balcão e por entre as pessoas vislumbréi uma vistosa silhueta feminina. Virei-me de novo para a rapariga a fim de lhe agradecer, mas ela já havia regressado ao trabalho.

Até podiam não estar precisados de empregadas de mesa, mas as poucas que havia tinham de facto de andar a toque de caixa para dar conta de um estabelecimento tão cheio...

Acerquei a mala do corpo e encaminhei-me na direção do local que me havia sido indicado, passando no meio de cadeiras e feixes de luz suave, garrafas de champanhe *rosé vintage* e copos de cristal empunhados por mãos enluvadas.

À medida que me ia aproximando, a minha atenção é atraída para as paredes. Cartazes com inscrições elegantes anunciam diversos eventos temáticos: cabarés, serões no Moulin Rouge, espetáculos dos anos vinte com *bustiers* de pérolas e leques de plumas vistosas. Outro ainda retratava tabuleiros altos de xadrez em cristal no lugar de mesas; filas de copos coloridos criavam dois campos opostos, numa reinterpretação em tom *lounge* do clásico jogo de xadrez.

Nunca tinha visto um lugar assim.

Talvez apenas num romance de Fitzgerald ou num ou outro filme ambientado no período após a Primeira Guerra Mundial, com aquela pátina de excesso e do luxo desenfreado das estrelas.

Quando cheguei junto da pessoa que havia vislumbrado, dei-me conta de que a penumbra não lhe tinha de facto feito justiça.

Envolta naquele arco-íris de luzes e sombras, a silhueta alta e flexível era a de uma jovem mulher de vinte e cinco, vinte e seis anos. Possuía um rosto marcado, em forma de coração, com feições duras e perfeitas; fazia lembrar uma boneca russa não fosse pelo magnífico vestido de seda que lhe moldava o corpo, a fina echarpe de missangas que lhe balançava nos braços e os sapatos de salto alto que lhe realçavam ainda mais as formas. Emanava sensualidade e autoridade. O cabelo, castanho, curto e escadeado culminava numa franja debaixo da qual sobressaíam dois esplêndidos olhos escuros, sem dúvida furiosos.

Reparei apenas naquele momento na sua expressão: o olhar cruel, a postura rígida e as sobrancelhas afiladas emanavam uma cólera mortífera.

– O que é que quer isso dizer de que se sente mal?

– E-está trancado na casa de banho, Zora, não...

– O Toshikawa encontra-se na mesa – sibilou ela, indicando a uma das empregadas de mesa o distinto cliente de feições orientais que eu tinha avisado pouco antes. – Faz parte da clientela mais exclusiva do clube. Vai dizer ao James que, se não sair de lá dentro de um segundo, o expulso a pontapé!

– Eu disse-lhe, mas...

Permaneci de parte, observando a cena. Tinha chegado num momento sem dúvida errado, mas não podia ir-me embora logo agora, por conseguinte mantive as devidas distâncias e fiquei à escuta.

– Só ele sabe o que o homem toma habitualmente. – Zora investe sobre a rapariga, pairando sobre ela como um puma pronto a atacar. – Vai buscar aquele imbecil antes que o nosso cliente se ofenda por ainda não ter sido atendido!

Ela assente, incomodada. Apesar dos modos rudes da chefe, pareceu intuir que a sua ira não se dirigia a ela, mas a mais alguém. Segui-a com o olhar enquanto ela desaparecia na direção das casas de banho.

Era o meu momento. É agora ou nunca.

Afastei o cabelo da cara e inspirei por breves instantes. Depois, dando um passo em frente, pigarreei e infundi na minha voz toda a determinação de que era capaz.

– Zora Lynch?

Num brusco roçagar de sedas, ela virou-se.

Retesei-me de súbito quando os seus olhos escuros pousaram com magnetismo em mim, vigilantes como os de um felino. Possuía um fascínio indiscutível, mas era difícil não sentir submissão diante da autoridade rude que emanava.

– Ouvi dizer que és a chefe. Gostaria de trabalhar aqui.

O seu olhar cravou-se em mim. Fitou a minha cara, e eu esperei que não fosse por causa do aspetto desgrenhado que por certo eu exibia. Por um instante inexplicável, pareceu-me quase surpreendida.

– És uma artista de variedades? – perguntou sem cerimónias. Era dona de um tom de voz profundo e decidido, que exalava segurança.

– Não.

– Então não me serves para nada.

Virou costas num clarão de missangas e afastou-se, arruinando o meu momento de iniciativa. Arfei e fui obrigada a ir atrás dela a fim de não perder a sua atenção.

– Não me parece que só façam espetáculos aqui – objetei, nos seus calcanhares. – O bar...

– Não preciso de mais empregadas de mesa – sibilou, prestes a perder a paciência. Cerrei os dentes, amaldiçoando o meu péssimo sentido de oportunidade. O destino encarniçava-se contra mim com todas as armas possíveis.

– Já me disseram isso, mas eu... – quase tropecei na mala –, eu não estou aqui por causa disso. Sei dar conta de outras coisas. Se só...

– Não estamos interessados – repetiu, virando-se de uma maneira tão repentina que por pouco não lhe dei um encontrão. A echarpe brilhou nos seus braços como uma poeira de diamantes. Detive-me antes de esbarrar nela, esforçando-me por não a atingir com a mala.

– Só te peço para me escutares! – atrevi-me a dizer num impulso obstinado, mordendo a língua quando ela me fulminou, irritada. Inclinou-se na minha direção, destacando de uma vez por todas um conceito que se recusava a entrar na minha cabeça.

– Desaparece, miúda – soletrou com ar definitivo. – Se ainda não percebeste, tenho mais que fazer, além de me ocupar de uma pequena idiota que fugiu de casa.

Fitei-a por baixo das sobrancelhas, obstinada. Podia até ser uma miúda, podia até ser pequena, mas não era a inepta que ela julgava. Poderia demorar-lho se ao menos me tivesse dado oportunidade para isso.

– Estou aqui... – interrompeu-nos uma voz masculina atrás de nós. Ambas nos virámos na direção do balcão que havia ali ao lado: um rapaz estava a deslizar para trás dele com gestos arrastados.

Zora fulminou-o com um olhar de fogo.

– Se bebeste de novo...

– Não – respondeu aquele que devia atender pelo nome de James, em tom arrogante. Apesar da atitude, reparei numa mácula na sua expressão que por um instante pareceu traí-lo. – Tive uma indigestão, está certo?

– Sim, de tequila – retorquiu-lhe ela entre dentes. – Deixa-te de parvoices, o Toshikawa quer o habitual. Vê se não o fazes esperar mais senão juro-te que te despacho outra vez para a tasca do teu primo para preparares *shots* para os universitários estrangeiros.

Afastou-se numa lufada de perfume sedutor, deixando atrás de si um rastro delicado.

Ele balbuciou alguma coisa indefinida antes de começar a preparar o *cocktail*. Detive-me a examinar os seus gestos: movia-se com precisão e agilidade, manobrando por entre garrafas e bebidas *vintage*. Era bom. Tinha cabelo claro, mas não consegui ver a cor dos seus olhos.

– O habitual, o habitual... – resmungou, abrindo um uísque clássico para usar na mistura. Verteu a quantidade certa e fê-lo rodopiar entre as mãos antes de voltar a colocá-lo no respetivo lugar, indo buscar o vermute. Repetiu a operação com uma mestria no mínimo surpreendente, e depois, com um derradeiro movimento gracioso, encheu um pequeno copo oculto atrás dos enfeites de *cocktail* e bebeu-o de um só trago.

Cerrou as pálpebras, lambendo os lábios.

A bebida deve ter-lhe provocado mais uma mítica *indigestão*, porque pouco depois vi-o correr de novo para a casa de banho, deixando a bebida acabada de preparar em cima do reluzente balcão do bar.

O *manhattan* brilhou ao de leve na penumbra, à espera de ser levado ao cliente. Observei o cristal do pequeno cálice e a fina raspa de laranja que lhe realçava o sabor forte e contundente, ficando imóvel a ponderar as minhas possibilidades.

Como é que se costumava dizer, afinal? «Pegar o touro pelos cornos»? Dispunha de duas opções: ir-me embora, ou então dar tudo por tudo. Se corresse mal, expulsar-me-iam de todos os modos.

Por outro lado, se obtivesse êxito...

Antes mesmo de me conceder um instante para refletir, pousei a mala em cima do balcão, girei-a e posicionei-me atrás dela. Animada por um instinto febril, despi o casaco e guardei tudo debaixo da bancada, pondo o cachecol por cima daquele amontoado informe.

Arregacei as mangas, apanhei o cabelo e peguei no *manhattan*, despejando-o no lava-louça. Em primeiro lugar, escolhi o copo: uma taça *Martini*, triangular e icónica, perfeita para um *cocktail* suave e encorpado como este. Pu-la dentro do congelador para gelar e comecei a preparar a mistura.

Peguei num copo misturador, enchi-o de cubos de gelo de modo a arrefecer as paredes do copo e deitei lá dentro o vermute. Prescindi do uísque clássico que o rapaz havia usado – demasiado pungente e forte para o paladar – e optei por um uísque canadiano envelhecido de dez anos, que medi com um pequeno copo metálico, o *jigger*. Adicionei algumas gotas de angustura e com a longa colher de bar mexi tudo, deixando que os sabores se misturassem. Sabia que não constava da receita, mas ainda assim optei por um toque especial que me foi ensinado: uma gota de absinto, para realçar o sabor do vermute e fazê-lo explodir na língua.

Enxuguei as mãos nas calças à pressa e escancarei a porta do congelador, retirando de lá o copo gelado. Deitei-lhe dentro o *cocktail*, lambendo a ponta molhada de um dos dedos. Precisava de ser rápida.

Com a colher espremi uma rodelha de laranja, de modo a extrair os óleos essenciais, e em seguida passei a casca pelo rebordo do copo para que se difundisse o seu aroma cítrico.

Por fim, peguei num longo espeto metálico para a fruta: enfiei uma ginja e apoiei-a no rebordo do vidro, vendo-a cintilar com o coração a bater descompassado.

Fiquei paralisada deste modo. Os olhos esbugalhados, a adrenalina a bombar-me no sangue.

Estava com falta de ar, a garganta seca, os dedos quase a tremer e o peito em polvorosa.

Merda.

E agora?

De repente, senti que me agarravam pelo pulso: sustive a respiração e ergui os olhos. Empalideci ao ver Zora, furiosa, fitando-me como se estivesse a catalisar todas as energias possíveis para me desintegrar.

– *Tu* – invetivou com um bafo homicida –, que diabo é que estás a fazer?

– Eu...

– O que é que estás a fazer atrás do balcão? – Os seus olhos fulminaram-me, enfurecidos. – Não te tinha dito para *desapareceres*? Achas que podes chegar aqui e fazer o que... – A sua voz esfumou-se, e ambas baixámos a cara.

O *manhattan* já ali não se encontrava.

Zora levantou a cabeça de chofre e ficou apavorada quando o localizou na bandeja de uma das empregadas de mesa: este cintilou sardónico e depois foi servido na mesa de Toshikawa. Sentia-a retesar-se, mas era demasiado tarde: o homem ergueu uma sobrancelha diante do novo visual da sua bebida, em seguida levou-a aos lábios e franziu a testa.

Senti-a esmagar o meu pulso com um tique quase neurótico.

Agora sim é que ela me vai trucidar.

– Tu...tu... – murmurou, de tal maneira fora de si a ponto de nem sequer ser capaz de sentenciar o meu fim. Engoli em seco, não me atrevendo tão-pouco a dar um pio. Estava metida em apuros até ao pescoço. O cliente vasculhou a sala e virou-se para a procurar: com um aceno seco de cabeça convidou-a a aproximar-se e ela intensificou o aperto no meu braço. – É bom que te ponhas daqui para fora antes de eu voltar, se tens amor à pele... – sibilou num tom de voz tão ameaçador que não foi preciso repetir duas vezes.

Soltou-me e eu apressei-me a recolher as minhas coisas. Quase nem a vi afastar-se na direção do cliente enquanto agarraava no casaco, mas

sobressaltei-me quando de súbito a rapariga da entrada entrou na sala apon-tando para mim com um dedo espetado.

– Lá está ela!

Os batimentos do meu coração aceleraram. Um homenzarrão da segu-rança encaminhou-se em marcha acelerada na minha direção com uma rapidez incrível. Agarrei na mala, no cachecol e contornei o balcão atrapa-lhada, mas escorreguei. Antes de ter tempo de me estrelar no chão, uma mão de aço agarrou-me pelo braço.

– Aqui não se entra à socapa – trovejou o guarda-costas com um vozeirão cavernoso e um sotaque estrangeiro. Intensificou o aperto e eu bufei como um animal selvagem. Tentei libertar-me, mas foi em vão: fui arrastada aos trancos e barrancos até à saída, sem consideração alguma pelas minhas coisas.

– Não me toques! – Contorci-me à medida que transpúnhamos as por-tas. A rapariga desviou-se, brindando-me com um sorrisinho de satisfação.

– Adeus – gorjeou arrogante, fazendo-me fritar as entradas de raiva. Ter-lhe-ia dirigido um insulto se isso não fosse ainda mais humilhante.

Mal tínhamos ultrapassado a secretaria da entrada quando de repente uma voz rasgou o ar.

– Sergei, espera.

O homem deteve-se de imediato e, como repercussão, quase esbarrei nele. Pestanejei, desnorteada, e precisei de me virar para trás de modo a ter a certeza de que não tinha ouvido mal: atrás de nós, Zora assemelhava-se a uma deusa pagã diante das portas de um belíssimo inferno.

– Zora, ela não pagou a entrada – informou-a a rapariga, num tom de voz suave e cheio de respeito, mas ela, que não pareceu surpresa, nem sequer deu mostras de se importar com esse pormenor.

– Acompanha-a lá acima.

– Mas...

– Faz o que te mando – ordenou a Sergei, ignorando por completo os protestos da funcionária. Logo depois desapareceu de novo lá dentro.

O guarda-costas soltou-me e eu afastei-me dele com brusquidão: mas-sajei o braço e presenteei-o com o meu olhar mais venenoso.

– Por aqui – instigou-me. O meu orgulho ferido rugiu e rosnou, mas esfor-cei-me para o controlar, pelo menos por enquanto. Fui atrás de Sergei quando este se desviou para eu o acompanhar, passando de novo ao lado da rapariga.

– Vemo-nos por aí – sibilei de mau humor, passando por ela. Tive a cer-teza de ouvi-la irritar-se, mas não lhe prestei mais atenção nenhuma.

Fui levada até ao piso superior através de uma pequena escada ao lado da entrada. Conduzia a um corredor iluminado por lâmpadas forradas de seda, onde se abria uma porta de madeira marchetada.

O homem baixou o manípulo e abriu-a, convidando-me a entrar. Dirigi-lhe um olhar cauteloso e desconfiado, e observei a sala.

Dei por mim na soleira de um pequeno gabinete com ar elegante e sofisticado. Cortinas de cetim e poltronas de couro e veludo emergiam à luz de um candeeiro *rétro*, recriando uma atmosfera sugestiva que contribuía para o fascínio do ambiente. As paredes estavam forradas com um papel de parede cor de ciclame a combinar com os tons dos móveis e dos acessórios de decoração, dos abajures em tom de rosa-pó até à *chaise longue* com pés de latão em forma de patas de leão.

Entrei com cautela, olhando em redor. Fazendo um sinal a Sergei, Zora seguiu-me, e o homem voltou a fechar a porta. Permaneci imóvel enquanto ela se posicionava atrás da secretária de madeira, ereta sobre os seus saltos altos, e poujava por fim os olhos nos meus.

Contemplou-me durante um tempo interminável, um instante de infinita tensão.

– O que era aquilo?

Não havia necessidade de especificar ao que Zora estava a referir-se. Encontrava-me bem desperta e atenta, e demonstrar-lho-ia.

– Um *manhattan reverse*.

As suas pupilas cravaram-se em mim, brilhando como pedras preciosas inquisidoras.

– Quem foi que te ensinou a fazer isso?

Calei-me, devolvendo-lhe o olhar sem receio algum.

– Ele gostou? – perguntei.

Ela semicerrou as pálpebras, como que a intimar-me a não entrar em joguinhas, e deu-me uma resposta que lhe deve ter custado muito.

– Sim.

Aguardou a minha reação, quiçá um sorriso astuto ou um esgar de satisfação, mas não demonstrei nenhum sinal de orgulho. Limitei-me a retribuir-lhe o olhar, consciente e determinada, e essa foi uma resposta mais do que suficiente.

Acomodou-se com lentidão na poltrona, estendendo uma mão na direção da gaveta da secretária. No meio de uma profusão de leques e frascos de perfume, retirou uma longa boquilha negra e um cigarro, que acendeu e aspirou a fundo, apoando-se nas costas da cadeira.

- O que é que queres?
- Quero um emprego.

Zora examinou-me de forma intensa. Ali, entre as luzes difusas e o fumo que a envolvia, assemelhava-se de verdade a uma diva dos Loucos Anos Vinte.

- Quantos anos tens?
 - Vinte e um.
 - Balelas – sibilou, arrasando-me de imediato. Observei-a com ar rabugento e ela voltou à carga. – Não me mintas. Caso contrário, ponho-te já daqui para fora sem contemplações, enquanto o diabo esfrega um olho.
 - Está certo – murmurei devagar. – Tenho dezanove.
 - És uma miúda.
 - Basta ter dezoito anos para se poder servir bebidas alcoólicas num bar.
- O ténue fio de fumo desenhava arabescos no ar, no entanto não me distraiu. Os seus olhos deslizaram atentos pelo meu rosto, tal como no primeiro instante em que me havia visto. Mais uma vez, não percebi porquê.
- Onde é que estão os teus pais?

Hesitei e desviei o olhar. Comprimi os lábios com força recordando as suas palavras, *nada de mentiras*.

- Longe daqui.
- No fundo, era a verdade.
- E onde é que estás hospedada?
- É um interrogatório? – repliquei impaciente, mas bastou um olhar para me fazer compreender que ou eu respondia às suas perguntas, ou então o Sergei acompanhar-me-ia num passeio sem retorno. Semicerrei os olhos e esforcei-me para conter a natureza tenaz e rebelde que me chocalhava o sangue.
- Quero compreender quem é a pessoa que tenho na minha frente – dei-xou bem claro, cruzando as longas pernas. Embora compreendesse o seu ponto de vista, cada vez que falava de mim sentia-me sempre algo vulnerável.

– Estou num albergue, em Kensington.

– Kensington? – Zora ergueu uma sobrancelha. – Estás com vontade de brincar, é? Trata-se de um dos bairros mais mal-afamados da cidade.

Sabia disso muito bem, na realidade. Quando cheguei, nessa manhã, desloquei-me até essa zona para dar uma vista de olhos ao lugar onde ficaria alojada: um velho albergue perto de um viaduto, com lixo espalhado por toda a calçada e sacos-cama dos sem-abrigo que se aninhavam nas esquinas da rua. Os postes de iluminação estavam repletos de cartazes rasgados e às

vezes o cheiro era nauseabundo, e os ruídos dos carris vizinhos e da vida insalubre daquele bairro fluíam entre velhas placas de publicidade de papel arranhado.

Não era propriamente um lugar recomendável.

– Sabes quanto tempo vais durar numa zona como aquela?

– Não posso dar-me ao luxo de escolher outro sítio – respondi, pensando nas camaradas comuns que me aguardavam. Por norma, evitaria um lugar onde havia o risco de nos roubarem tudo, mas encontrava-me numa situação deveras desesperada.

Ela moldou os lábios num sorriso irónico. Tamborilou o dedo de unha pintada na boquilha, deixando cair a cinza dentro de um pratinho de cristal, e refletiu durante alguns instantes, antes de me fazer outra pergunta.

– O que foi que te trouxe até ao meu estabelecimento?

«Um milagre» poderia ter respondido, mas em vez disso optei pela ver-são mais realista. Respondi que tinha deambulado pela cidade o dia inteiro, que tinha procurado emprego por toda a parte sem êxito. Disse-lhe que tinha vindo para Filadélfia em busca de fortuna, porque de momento precisava mesmo muito de dinheiro e na minha cidadezinha as hipóteses eram escassas e as perspetivas mais reduzidas ainda. Ela ouviu em silêncio, sem nunca me interromper, e esperou até que eu acabasse de expor os meus argumentos.

– Então? Vais contratar-me? – perguntei por fim.

Zora deu uma última e longa passa, e depois apagou o cigarro. Com gestos relaxados e ponderados esfregou bem a ponta no pratinho, retirou a beata e bateu devagar com a boquilha em cima da secretária, demorando todo o tempo de que necessitava. Observei aquele ritual em silêncio, em suspenso, durante um instante que se revelou eterno.

– És bastante obstinada – constatou devagar. – Duvido que possamos dar-nos bem. – Levantou os olhos, pousando-os em mim, severa. – Estás contratada.

Estava quase prestes a permitir-me um gemido de alívio, quando ela se pôs de pé.

– Mas à primeira confusão, estás na rua – advertiu-me, naquele tom de voz feroz que não admitia réplica.

Assenti, fazendo os possíveis por me mostrar credível e complacente. Zora ajeitou a echarpe de missangas, e depois carregou no botão de um pequeno intercomunicador que havia em cima da secretária.

– Vai deixar as tuas coisas lá em baixo. Uma das raparigas mostrar-te-á onde.

Com rapidez, apanhei o casaco que havia caído no chão e fiz o que me disse. Agarrei na mala com força e caminhei com passo seguro, esperando que não lhe ocorresse mudar de ideias. Já quase tinha alcançado a porta, quando ela me reteve.

– Só um momento. Ainda não me disseste como te chamas.

Os meus passos detiveram-se. Ali, no silêncio do gabinete, aquela pergunta pareceu o início de um destino que eu havia perseguido com todas as minhas forças.

– Mireya – respondi, num tom de voz decidido. – Chamo-me Mireya.

Consegui.

Uma parte de mim ainda não era capaz de acreditar, mas quando saí do gabinete e uma das raparigas que trabalhavam ali veio ter comigo, percebi que era tudo verdade.

Era a empregada de mesa de pele cor de chocolate que me havia apon-tado a Zora; chamava-se Ruby Turner, e era apenas um ano e meio mais velha do que eu: dentro de alguns meses faria vinte e um anos. Era a mais nova ali dentro, mas explicou-me que desde há algum tempo não contratavam gente nova.

Depois de ter deixado as minhas coisas dentro de um armário, Ruby acompanhou-me por toda a parte disposta a mostrar-me o clube. Perguntei-lhe se não haveria problema em abandonar por alguns momentos o seu serviço, mas descobri que depois do veredito de Toshikawa a tensão na sala diminuiria de forma considerável.

– Em tempos este clube foi um *speakeasy* – informou-me, à medida que percorríamos um dos corredores reservados ao pessoal.

– Um... quê?

– Sabes, os bares clandestinos que surgiram na época da Lei Seca? Pois então. Funcionavam às escondidas nas traseiras das lojas, talhos, barbeiros... É por isso que se encontra numa cave, escondido na cidade. Não sei se sabes como funcionava a coisa, mas naqueles sítios entrava-se apenas por intermédio de conhecimentos e com uma senha específica. Eram ambientes muito seletos.

– E ainda existem locais do género?

– Oh, sim – replicou ela com um sorriso. – São raros, mas existem. O Milagro's também era um *speakeasy*, viste a chapelaria? Em tempos entrava-se por ali,

através de uma porta oculta atrás de um espelho. No entanto, obteve tanto êxito que já toda a gente sabia onde se encontrava e qual era a senha para entrar, ainda que fosse mudada todas as semanas. Por conseguinte, a Zora decidiu pendurar o letreiro e transformá-lo num dos clubes mais exclusivos da cidade.

Agora estava explicado o estilo *rétro*, os espetáculos de cabaré e aquele ar quase cenográfico.

Ruby contou-me que naqueles clubes se recriava a atmosfera daquela época, oferecendo aos clientes não só uma grande variedade de *cocktails* originais e rebuscados, como também um ambiente fascinante e um entretenimento que tornavam a experiência única e inesquecível.

– Uau – comentei em voz baixa.

– Pois é – respondeu, ao mesmo tempo que desembocávamos numa série de corredores que se estendiam em redor do bar, debaixo da cidade. Deveria fixar bem o caminho para não correr o risco de me perder. Aquele lugar parecia um labirinto.

Chegámos à área que conduzia perto dos camarins. Era ali que as bailarinas trocavam de roupa antes de subir ao palco, mas um barulho anormal chamou a minha atenção.

Dentro da sala destinada aos camarins, repleta de acessórios, cabides e roupas de cena, avistei uma pequena multidão. Uma dezena de raparigas vestindo roupas de renda de várias cores e membros do pessoal que trabalhavam nos bastidores encontravam-se parados de costas, quase imóveis. Franzi a testa, abrandando a marcha. Porque é que pareciam todos... congelados?

– O que é que se passa?

– Hum? – Ruby inclinou o rosto, sorridente, e quando reparou na direção do meu olhar, também ela se virou. Depois de alguns instantes, vi os seus olhos bloquearem-se e o sorriso esmorecer, substituído por uma expressão tensa que tentou a todo o custo disfarçar. Agiu como se nada fosse e desviou o olhar, de súbito incomodada.

– Vamos embora – murmurou. – Vem, por aqui.

Convidou-me a segui-la, mas por algum motivo não lhe dei ouvidos. Havia alguma coisa que não se encaixava de facto, e tive a confirmação disso mesmo quando dei um passo para o lado e ela tentou deter-me.

Soltei-me do seu aperto, censurando-a com um olhar sério. Estava na realidade demasiado tensa para me testar. Se achava que eu era do tipo que obedecia e baixava a cabeça a tudo e anuía sem nunca fazer perguntas, é

óbvio que não me conhecia em absoluto. Teimosa, virei-lhe as costas e aproximei-me, decidida a compreender o que estava a acontecer. Misturei-me no meio da multidão, espremendo-me de modo a conseguir passar. Só quando saí do outro lado do muro de gente é que me apercebi de que estavam todos aglomerados em redor de um espaço vazio.

O que vi deixou-me sem fôlego.

De pé, ao centro, havia um rapaz.

Estava de costas, e pela maneira como estava curvado para a frente só consegui vislumbrar o seu cabelo, de um ruivo tão escuro que quase parecia negro. Tinha um antebraço pousado num dos joelhos, a sola do sapato apoiada de encontro à parede.

Debaixo dele, com as costas apoiadas à parede e engolido por completo pela sua sombra, um outro rapaz contemplava-o com uns olhos deveras aterrorizados. O cabelo despenteado e vários pontos do rosto brilhantes e avermelhados foram um sinal mais do que suficiente.

Contemplei aquela cena com um nó no estômago.

Mas que diabo é que estava a acontecer?

Lancei uma vista de olhos à multidão que os fitava sem fazer nada.

Havia ali alguma coisa que valesse a pena ficar a olhar? Que raio de cena repugnante era aquela?

– Sim, é verdade – disse uma voz, arrancando-me aos meus pensamentos. Quem falou foi o rapaz que estava de pé. Parecia um gigante, mas a avaliar pelo tom de voz fresco e profundo que lhe jorrou do peito percebi que não devia ser muito mais velho do que eu. – Comi a tua namorada. – Contemplou o rosto debaixo de si com uma calma afetada. – Ao fim e ao cabo, a coisa não deveria surpreender-te. Quase me implorou.

A rapariga em questão observava a cena sem coragem de intervir. Estava vestida com um traje de canção, quiçá por causa de um espetáculo que teria início daí a pouco, e intuí que devia ser uma das bailarinas do clube. Ao ouvir aquelas palavras cerrou os lábios, corando de vergonha, e todos fitaram aquela cena sem mover um dedo.

Porque é que estavam ali a olhar para aquela cena?

Porque é que ninguém fazia nada?

Uma sensação rude retesou-me os pulsos, quando o rapaz afastou o sapato da parede e o encostou à cara do outro, obrigando-o a virar a cabeça.

Sorriu, com o escárnio na voz.

– Quem sabe – escarneceu, com subtil divertimento –, se ela quiser muito – o tom sardônico e duro como pedra –, ... mais tarde, por que não, damos mais uma voltinha...

Uma sonora bofetada ribombou no ar e silenciou a sala inteira.

Fez-se um silêncio sepulcral.

Passou-se um número incessante de segundos em que os olhares admirados e incrédulos de todos os presentes permaneceram fitos na palma da mão avermelhada, ainda erguida no ar.

Era a minha.

Até mesmo o que se encontrava no chão, neste momento, exibia na cara uma expressão de puro horror e fitava-me transtornado.

Na imobilidade que havia congelado toda a gente, vi o rapaz virar o rosto devagar.

O seu olhar emergiu por baixo das madeixas de cabelo que lhe haviam caído sobre a cara. Debaixo daqueles cabelos escuros, duas íris de um azul mais penetrante do que o gelo pousaram lentas e precisas em mim.

– Animal – sibilei no meio do silêncio total, fitando-o a direito, olhos nos olhos.

Não houve tempo para fazer mais nada.

Para pensar mais nada.

Naquele momento, o pessoal da segurança aterrou na sala e a multidão dispersou de imediato. O rapaz em quem bati foi puxado para trás: tiveram de arrastá-lo dali à força, e depois alguém me agarrou pelo braço e levou-me embora dali.

O braço de Ruby fechou-se à volta do meu ao mesmo tempo que nos afastávamos a toda a pressa da multidão. No entanto, tive a certeza de sentir alguma coisa a perfurar-me as costas, mesmo no meio daquela gente toda. Aqueles dois olhos de um azul nunca visto que cortavam o ar, afiados como pedaços de vidro.

– O que foi que tu fizeste... – murmurou ela. – O que foi que tu fizeste...